

SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFESSORES DA UNIVERSIDADE PRIVADA: UM ESTUDO DE CASO EM FORTALEZA.

Elaine Marinho Bastos ¹

RESUMO

Uma síndrome tem surgido com aspecto relevante no mundo do trabalho docente: o *Burnout*. Ela apresenta como sintomas, dentre outros: perda de energia e desistência, situação que não representa uma advertência apenas à saúde do professor, mas à saúde dos demais trabalhadores e da sociedade em geral. A Síndrome de *Burnout* é considerada uma reação ao estresse excessivo relacionada ao trabalho e tem acometido os professores diante das mudanças sociais, políticas e econômicas com consequências no seu trabalho e bem-estar psicológico. A pesquisa teve como objetivo detectar os sintomas e consequências deles para os docentes inseridos em universidades privadas. Para isso, foi aplicada uma entrevista em 10 docentes do curso de Psicologia, os resultados trouxeram como sintomas o desgaste mental e algumas situações de desligamento de ações inerentes ao exercício de atividades próprias da docência. Dentre os vários condicionantes foram encontrados como motivadores do Burnout: caráter não-material do trabalho docente e o sofrimento, com adoecimento do professor, face aos mecanismos de organização e gestão do trabalho característicos do atual regime de acumulação flexível do capital. Percebeu-se aspectos relevantes do perfil de pessoas acometidas pelo Burnout: mulheres, sem companheiro fixo, sem filhos, com idade mais elevada, que possuem maior carga horária e que atendem maior número de alunos apresentam maior risco de desenvolvimento de Burnout. Denota-se ser necessário uma amplitude de estudos sobre a temática para melhor compreensão desse fenômeno presente na atualidade do contexto laboral.

PALAVRAS-CHAVE: *Burnout*; stress, Professor, condições de trabalho.

INTRODUÇÃO

Um termo vem surgindo de forma recorrente em estudos sobre o trabalho docente nos últimos anos. Trata-se do *Burnout* definido, dentre outros vários marcadores, como a síndrome da desistência, ligado a condição de perda de sua energia no trabalho, simbolizando a perda do fogo, da vontade, do desejo de continuar na luta, com falta de motivação, sensação de desamparo, desesperança, passividade, alienação, depressão, fadiga, stress (CODO; VASQUES-MENEZES, 2002) defronte a uma demanda excessiva e a real condição do que efetivamente consegue fazer diante da crescente mudança das condições de trabalho e suas interferências no universo laboral docente.

¹ Psicóloga e Assistente Social. Mestre em Administração, professora curso de Psicologia Unichristus e Uniateneu, psicologia_elaine@hotmail.com

Vivemos na atualidade uma dinamicidade das configurações societárias e do trabalho, bem como das identidades contemporâneas. Muitas dessas mudanças vêm sendo percebidas diante da realidade laboral, com intensificação e inclusão de atividades mais amplas, além da responsabilização do trabalhador por sua qualificação e autogestão de tempo e trabalho. Percebe-se um processo de absolutização do trabalho, tendo como consequência a alienação e estranhamento, mudança na identidade, ampliação do sofrimento diante do trabalho precarizado e intensificado, repercutindo na vida social como um todo.

Os profissionais enfrentam limites a serem ultrapassados, com valorização de superações e presenteísmos. A crescente demanda por qualidade, produção e lucro são vistos como fatores primordiais diante de um mercado competitivo. Nesse cenário, a organização do trabalho é comumente caracterizada por carga horária excessiva, ritmo intenso de trabalho, controle rigoroso das atividades, pressão temporal e necessidade de profissionais polivalentes (CAMPOS & DAVID, 2011).

Buscando compreender a síndrome de *Burnout*, que no sentido literal significa queimar de dentro para fora, buscou-se relacionar ao contexto das universidades privadas, que tem o contexto do ensino diante da percepção do capital com lucratividade e produtividade. Assim, foram aplicadas entrevistas em professores do curso de Psicologia de uma universidade privada em Fortaleza, sendo aplicada a análise de conteúdo para apreensão dos sintomas e das consequências do adoecimento causado pelo *Burnout*.

A presente exposição toma como ponto de partida a observação do trabalho realizado em uma Universidade privada, localizada no Município de Fortaleza, embora não esteja em um contexto diferente do que ocorre em muitas outras universidades, pois tem ocorrido um significativo aumento, entre os docentes, da insatisfação com a profissão. Tal insatisfação é atribuída em grande parte ao desinteresse, ao aumento da quantidade de alunos em sala de aula, a sobrecarga de atividades e cobranças, bem como à mudança de papel do docente dentro e fora de sala de aula.

O trabalho, segundo Dejours (2004), é toda ação que utiliza gestos, engajamento do corpo, mobilização da inteligência e identidade num mundo hierarquizado, ordenado e coercitivo, que não se limita a uma relação salarial ou de emprego em si, mas que envolve também a transformação das identidades. Diante dessa definição o engajamento real do trabalhador vem ocorrendo de forma mais ampla, como resposta a uma tarefa prescrita, mas muito mais ampla diante das pressões e cobranças por resultados imediatos.

A docência e os processos de ensino-aprendizagem vêm acompanhando esse processo de transformação, modificando a institucionalização dos processos educacionais e de formação

profissional, especialmente em função das transformações no mundo do trabalho e da produção, com mudanças culturais e evolução tecnológica que repercutem diretamente sobre as condições de vida e trabalho dos docentes.

Segundo Laher (2003) a educação é um processo constitutivo das práxis sociais sendo considerado um processo fundamental da reprodução da vida humana e com essa realidade a expansão das universidades privadas tem importância no contexto da reforma da educação superior no país, com papel de crescente mercantilização da educação superior, formando o empresariado da educação.

Diante desse processo, a educação tem apresentado uma grande produção de diplomas, sem, historicamente, ter ocorrido uma expansão suficiente de vagas no ensino público, assim houve o estímulo à iniciativa privada para abertura de cursos em nível de graduação e pós-graduação (lato e stricto sensu) e, mais recentemente, a implantação do ensino à distância. Denota-se uma massificação apresentada sob a aparência de democratização.

A preocupação com as condições de trabalho e saúde dos trabalhadores tem sido tema de estudo em diversas áreas de conhecimento científico, mas o que justifica a escolha do tema para este artigo é o fato de buscar as relações de saúde e trabalho docente em relação aos contextos de mudanças e formas específicas da realidade laboral no contexto das universidades privadas, com as mudanças no contexto de ensino implantadas nas faculdades particulares.

Como docente em instituições privadas, venho buscando a compreensão dos fenômenos relacionados ao contexto laboral, suas transformações e condições referentes ao ensino superior, além de buscar respostas aos aspectos psicossociais e subjetivos associados aos processos de saúde ou adoecimento no trabalho docente.

Assim, o objetivo da pesquisa foi buscar as consequências no contexto laboral do docente nas universidades privadas, levando em conta as transformações do mundo do trabalho. Para tanto foi aplicada uma pesquisa junto a docentes do curso de Psicologia de uma universidade privada de Fortaleza – CE. A pesquisa foi submetida ao comitê de ética da instituição pesquisa, onde após aprovação foram selecionados, por amostragem aleatória, alguns docentes para submissão da entrevista. Todos assinaram o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), denotando o interesse na temática, bem como autorização na gravação das entrevistas e utilização dos resultados para análise e apresentação em eventos científicos.

Os resultados da análise apontam o contexto de exploração, vivências de adaptação pela sobrecarga de trabalho, adoecimento e sofrimento pelas mudanças decorrentes das transformações do mundo do trabalho. O docente tem passado por uma mudança de

identidade progressiva e tal fato deve ser levado em conta quando ocorrer a formação e qualificação para o exercício das atividades em sala de aula.

Assim, a docência deve ser levada em conta como a ação de formação de diversas profissões, mas que vem passando por mudanças e que por esse motivo necessita de uma maior possibilidade de pesquisas no que tange a realidade vivida e as transformações vivenciadas, bem como aos mecanismos de defesa que possam facilitar a condição de adaptabilidade e não adoecimento diante da realidade vivida.

METODOLOGIA

A pesquisa proposta teve foco qualitativo, exploratório e descritivo com pretensão de apreender as mudanças na identidade decorrentes das transformações do trabalho nas universidades privadas em relação a visão do docente e suas condições de prazer e sofrimento inseridos nesse contexto de trabalho.

Aplicou-se uma análise descritiva e interpretativa dos significados simbólicos, conotativos e denotativos, padrões de comportamento e atitudes específicas, tentando apresentar a totalidade do fenômeno sob investigação, considerando o contexto tão importante quanto a ação.

Foram utilizados como métodos de levantamento de informações a observação e entrevistas com 10 professores do curso de Psicologia de uma universidade privada de Fortaleza, sendo aplicada a técnica de análise de conteúdo, para analisar o discurso apresentado em profundidade. Foram realizados inicialmente estudos bibliográficos, buscando proporcionar uma visão teórica sobre os assuntos estudados.

As entrevistas são instrumentos de pesquisa singular pois permitem uma maximização de obtenção de conclusões significativas, válidas e fidedignas do assunto pesquisado, como cita Breakwell (2010). Terá uma perspectiva de interação e troca direta de informações e validação de hipóteses.

A pesquisa qualitativa busca, segundo Minayo (2010), aprofundamento e abrangência da compreensão do objeto de pesquisa e a pesquisa exploratória traz, segundo Gil (1999), o propósito de proporcionar uma visão geral do contexto pesquisado, ou seja, a apreensão da relação entre trabalho, transformações laborais, docência em universidades privadas e o bem-estar\ saúde e o sofrimento psíquico, possibilitando a formulação de bases para estudos futuros. A amostra foi realizada por conveniência, com docentes selecionados em seu espaço cotidiano de trabalho, a partir do critério de inclusão e representação.

A análise de conteúdo teve como objetivo organizar e subsidiar os dados levantados em categorias, indicando quais as mais significativas, uma forma de analisar o aspecto qualitativo do conteúdo, como aponta Breakwell (2010), com objetivo de ampliar a compreensão dos mecanismos que regem as práticas discursivas que servirão de base de identificação da realidade, transformações subjetivas e trabalho docente.

DESENVOLVIMENTO

A VIDA DO PROFESSOR

O papel do docente já foi apontado, por vários autores, como significativos para o desenvolvimento humano. De acordo com a UNESCO (2018) os professores são considerados uma força influente e poderosa para a igualdade, acesso e qualidade na educação. Nivagara (2011) afirmou que além da simples transmissão do conhecimento é um elemento fundamental na transformação da educação. No entanto, as condições de trabalho para a realização de tal atividade vêm sofrendo várias modificações e vários estudos referem que a profissão docente é uma das mais afetadas pelo *stress* no trabalho decorrente das crescentes exigências e a mudanças sociais e laborais que obrigam os docentes ao processo de adaptação a essa constante mudança (AZEVEDO, VEIGA & RIBEIRO, 2016; BRUTTING ET AL, 2018; CARLOTTO, 2012; FITCHETT ET AL., 2017; LANGAN-FOX & COOPER, 2011).

Algumas condições tem surgido como aspectos relevantes na condição de trabalho do docente nas universidades privadas: o aumento de alunos por turma, sobrecarga de horário dos professores, congelamento das progressões na carreira, questões ligadas ao papel do professor, a formação de sua identidade e à utilização de estratégias eficazes face a mudanças no contexto educativo, são consideradas condicionantes do processo de adoecimento do docente, a insatisfação face às circunstâncias desfavoráveis, a pressão social e a indisciplina na sala de aula provocam sentimentos negativos nos professores (CURADO, 2006; MARTINS, 2007). Tal fato, diminui a qualidade das atividades educativas (GOMES et al., 2006) e leva os professores a serem considerados uma das ocupações profissionais com maior nível de estresse (KYRIACOU, 1998; MOTA-CARDOSO et al., 2002).

Mais recentemente, vários estudos identificaram como fatores desencadeadores de stress nos professores as reformas e mudanças no sistema educativo, falta de controlo sobre decisões, responsabilidade sem autoridade para decidir, falta de recursos, falta de suporte e de partilha entre colegas, insatisfação com o trabalho, avaliação do seu desempenho, sobrecarga de tarefas e horários, antagonismo da comunidade, fraca remuneração, reduzido reconhecimento social, ambiguidade do papel de professor e dificuldade em conciliar trabalho

e família além do sofrimento psíquico que gera implicações na motivação dos professores, interferindo na organização do seu trabalho.

Na condição de Burnout existem algumas consequências bem claras, tais como existir uma condição de não envolvimento emocionalmente com o trabalho; dúvidas do valor do próprio trabalho realizado em sala de aula; endurecimento de afeto e desenvolvimento de sentimentos e atitudes negativas. Esse quadro exposto tem inquietado muitos estudiosos da temática e busca-se compreender mais amplamente os condicionantes para propor condições de prevenção às situações de adoecimento (PEREIRA, 2003).

Segundo Kuenzer (2004), o trabalho docente está interrelacionado à tensão entre o trabalho qualificador e o trabalho capitalista, onde o ensino é considerado uma mercadoria comprada e valorizada pelo contexto do capital, denotando assim uma tensão relevante pela natureza não-material desse trabalho. O espaço da intervenção do trabalhador, com consciência e subjetividade está sendo substituído pela crescente mercantilização dos serviços educacionais e “flexibilização” das relações de trabalho.

Com essa realidade são desenvolvidas estratégias para lidar com o estresse, mas no caso do Burnout, nem essas estratégias conseguem dar conta dessa realidade de pressão, denotando uma percepção de algo incontrolável. Alguns trabalhadores, inclusive, “reagem ao estresse laboral trabalhando ainda mais até que entram em colapso.” (CODÓ; VASQUES-MENEZES, 2002, p. 241). A desvalorização é um aspecto relevante, mas ela vem ocorrendo em aspectos mais amplos, tais como no próprio universo acadêmico, na mídia e na sociedade diante da realidade de que ser professor é uma das profissões mais estressantes na atualidade. (MELEIRO, 2002).

Diante da realidade de que os professores enfrentam constantes situações de stress no trabalho, surgem o *burnout*, pois este constitui uma resposta ao stress crônico no trabalho caracterizada por elevada exaustão emocional, elevado cinismo ou frieza emocional na interação com os outros e baixa realização pessoal ou profissional (MASLACH, SCHAUFELI, & LEITER, 2001). A exaustão emocional é considerada a dimensão básica, caracterizando-se por um sentimento de desgaste emocional e esgotamento dos recursos emocionais, enquanto o cinismo diz respeito a atitudes e sentimentos de indiferença e distanciamento em relação ao outro ao qual se presta serviço, representando a dimensão do contexto interpessoal, e, por fim, a falta de realização pessoal é a tendência para o trabalhador se avaliar negativamente, existindo um sentimento de incompetência e insatisfação com o seu trabalho (LEITER & MASLACH, 2017). Para ampliação desse universo é importante um entendimento mais amplo do que seja *Burnout*.

O QUE É *BURNOUT*?

O termo *burnout* é utilizado para designar a condição de estresse associado ao trabalho e foi traduzido como “perder o fogo” ou “perder a energia”, pois segundo Malagris (2004), concebe um desgaste e falta de produtividade, caracterizado por uma relação, diante de uma resposta ao estresse laboral crônico. O conceito original foi desenvolvido na década de 1970 como um fenômeno psicológico característico de trabalhadores que atuassem junto a atividades de cunho assistencial.

O termo *burnout*, foi empregado pelo psicólogo clínico Freudenberger, onde foi nomeado um sentimento que já existia e havia sido experimentado por muitos (CODO & VASQUES-MENEZES, 1999). Freudenberger e Richelson (1991) descreveram um indivíduo com *burnout* com fadiga desencadeada pelo investimento no trabalho. Em 1977, Maslach utilizou o termo para referência as pessoas que, em decorrência de sua profissão, realizam atividades em contato direto e contínuo com outros seres humanos.

Para Benevides-Pereira (2002), a maior frequência da síndrome de burnout em profissionais das áreas assistenciais tem como justificativa o envolvimento afetivo implicado no exercício das atividades dessas áreas. Vasques-Menezes e Codo (1999) entendem que a necessidade de estabelecer um vínculo afetivo e a incapacidade de efetivá-lo pode gerar tensão nos profissionais cuja atividade é cuidar do outro, o que pode levar a um distanciamento emocional, como forma de proteção do próprio sofrimento, e, segundo Malagris (2004), até mesmo a um “comportamento de evitação” que pode levar ao burnout.

Burnout é o resultado do estresse crônico, típico do cotidiano do trabalho, principalmente quando neste existem excessiva pressão, conflitos, poucas recompensas emocionais e pouco reconhecimento (HARRISON, 1999), sendo considerado um fenômeno psicossocial constituído de três dimensões: Exaustão Emocional, Despersonalização e Baixa Realização Profissional. A Exaustão Emocional caracteriza-se por uma falta ou carência de energia e um sentimento de esgotamento emocional, sendo sua maior causa a sobrecarga de trabalho. A Despersonalização ocorre quando o profissional passa a tratar os clientes, os colegas e a organização de forma distante e impessoal. Por fim, a Baixa Realização Profissional caracteriza-se por uma tendência do trabalhador em se auto-avaliar de forma negativa, sentindo-se insatisfeito com seu desenvolvimento profissional, experimentando um declínio no sentimento de competência e na sua capacidade de interagir com as pessoas (MASLACH, SCHAUFELI & LEITER, 2001).

O surgimento do Burnout é um processo paulatino e cumulativo, com incremento progressivo em termos de severidade (DELGADO ET AL., 1993; DOMÉNECH, 1995). Sua evolução pode levar anos, até mesmo décadas (RUDOW, 1999) e quase nunca é notada em seus estágios iniciais (GUIMARÃES, 2000). Segundo Doménech (1995), no caso do professor, o processo é iniciado com uma sensação de inadequação na função e a percepção de ausência de recursos para enfrentar as exigências de seu trabalho. Há sensação de diminuição de sua capacidade de concentração, de resolver problemas e tomar decisões. Como consequência, o professor tende a aumentar o seu esforço, surgindo sinais evidentes de irritação, ansiedade, tensão, medo de não ter sucesso nas aulas, de manter a disciplina, com uma percepção exagerada de suas lacunas e dificuldades. Como forma de aliviar esses sentimentos e tentar adaptar-se pode desenvolver um distanciamento emocional associado a atitudes críticas e depreciativas sobre seu trabalho e alunos.

A exaustão emocional é caracterizada por um sentimento muito forte de tensão emocional que produz uma sensação de esgotamento, de falta de energia e de recursos emocionais próprios para lidar com as rotinas da prática profissional e representa a dimensão individual da síndrome. A despersonalização é o resultado do desenvolvimento de sentimentos e atitudes negativas, por vezes indiferentes e cínicas em torno daquelas pessoas que entram em contato direto com o profissional, que são sua demanda e objeto de trabalho. Num primeiro momento, é um fator de proteção, mas pode representar um risco de desumanização, constituindo a dimensão interpessoal de *burnout*. Por último, a falta de realização pessoal no trabalho caracteriza-se como uma tendência que afeta as habilidades interpessoais relacionadas com a prática profissional, o que influi diretamente na forma de atendimento e contato com as pessoas usuárias do trabalho, bem como com a organização (MASLACH, 1998). Trata-se de uma síndrome na qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas não lhe importam mais e qualquer esforço lhe parece inútil. Finalmente, a síndrome de *burnout* tem sido negativamente relacionada com saúde, performance e satisfação no trabalho, qualidade de vida e bem-estar psicológico (RABIN, FELDMAN, & KAPLAN, 1999).

Bontempo (1999) atribui a manifestação do burnout a causas pessoais, institucionais e características dos pacientes. Nesse enfoque, as causas pessoais se devem a “aspirações nobres e elevado idealismo inicial, falta de critério para avaliar seus desejos, sobrecarga auto-imposta e alguns traços da personalidade” e, em relação às causas institucionais, a “sobrecarga de trabalho, discriminação sexual, falta de autonomia e de apoio institucional, ambiguidade, falta de apoio e feedback de chefia e colegas de trabalho” (BONTEMPO, apud

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

MALAGRIS, 2004, p. 201). Quanto à terceira causa, reporta-se ao indivíduo que já foi acometido pela síndrome e, por diferentes motivos, não apresenta melhora.

Maslach e Leiter (1999) avaliam que o ambiente de trabalho e como este ambiente se organiza é o responsável, em grande parte, pelo desgaste sofrido atualmente pelos trabalhadores e que, apesar de todo esse desgaste, as empresas se eximem de responsabilidades, atribuindo o problema exclusivamente ao próprio trabalhador. O *burnout* surge associado à dimensão emocional de ser professor, na qual julgamentos negativos sobre os estudantes e sobre a sua competência provocavam emoções negativas e *coping* desadequado, facilitadores de *stress* crônico e insatisfação laboral (CHANG, 2009; HA, KING, & NAEGER, 2011; HUNG, 2011; SHIROM, OLIVER & STEIN, 2009), bem como sobrecarga horária e uma quantidade demasiada de estudantes por turma, o que gera uma relação fria e impessoal com os estudantes. Estudos mais recentes associam o *burnout* a preocupações constantes com os estudantes e insatisfação laboral, resultando do complexo cruzamento de variáveis individuais e contextuais.

Percebe-se como as condições inerentes à atividade do docente, bem como as transformações decorrentes das mudanças laborais nos contextos de mudanças nas universidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Burnout é o resultado do estresse crônico, típico do cotidiano do trabalho, principalmente quando neste existem excessiva pressão, conflitos, poucas recompensas emocionais e pouco reconhecimento (HARRISON, 1999), fato considerado um aspecto de grande significância no contexto das universidades de âmbito privado. AS mudanças percebidas e vivenciadas denotam um fenômeno psicossocial constituído de três dimensões: Exaustão Emocional, Despersonalização e Baixa Realização Profissional. A Exaustão Emocional foi indicada a partir da percepção de falta ou carência de energia, no pouco envolvimento com as atividades propostas nas universidades, bem como um sentimento de esgotamento emocional, considerado de origem da sobrecarga de trabalho crescente em suas atividades. A Despersonalização surge diante do contato com os alunos e colegas de trabalho de forma distante e impessoal, diante da quantidade maior de alunos em sala de aula e a concorrência imposta pela nova forma de gestão das universidades. Por fim, a Baixa Realização Profissional caracteriza-se por uma tendência do trabalhador em se auto-avaliar de forma negativa, sentindo-se insatisfeito com seu desenvolvimento profissional,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

experimentando um declínio no sentimento de competência e na sua capacidade de interagir com as pessoas, sendo apontado pelos entrevistados como um aspecto vivenciado de forma cotidiana, diante da não possibilidade de melhora nas condições de trabalho.

Diante da realidade do mundo do trabalho, os docentes tiveram que se adaptar às características evolutivas dos processos laborais inserido nas universidades privadas, mesmo que não se tenha evoluído na melhoria das condições objetivas e subjetivas deste tipo de exercício profissional.

Percebeu-se nas falas dos entrevistados que à Universidade possui poder de reger comportamentos racionais, garantindo a ordem social, impedindo conflitos entre as atividades de trabalho impostas pela organização e o trabalho real do docente. A atividade é controlada pela carga horária disponibilizada na instituição, mas ao mesmo tempo é imposta uma sobrecarga de atividades extra espaço laboral, fato que sobrecarrega a vida pessoal do professor. A rápida transformação do contexto social e laboral, modifica a vida dos trabalhadores e tem gerado um aumento das responsabilidades e exigências sobre todos os entrevistados.

Foi unânime a pontuação de que o papel do docente tem se modificado na tentativa de atender às expectativas e necessidades da sociedade atual e das organizações as quais esteja inserido. Segundo Farber (1991) a categoria de professores sofre muitas críticas, e é extremamente cobrada em seus fracassos e raramente reconhecida por seu sucesso.

A organização de trabalho em si, apresenta peculiaridades que diante das transformações da atualidade levam a mudanças em suas atividades, dependendo do contexto em que está inserido. As condições produtivas e carga de trabalho dos docentes possuem, de forma primária, atividades inerentes que levam a sobrecarga de atividades, visto muitas delas serem feitas em horários que seriam de descanso ou pela necessidade premente de desenvolvimento intelectual para ampliação de seu conhecimento, caracterizado também como autogestão e autocontrole de seus processos laborais. Tais atividades reais diante do trabalho prescrito levam a um processo de afastamento familiar e sobrecarga de ações que levam ao adoecimento relatando em dores de cabeça, uso de medicações ansiolíticas, histórias de tristezas e depressão. Os relatos de culpa diante do afastamento familiar trazem relatos de casamentos em conflito e condições de culpa pelo não acompanhamento do desenvolvimento dos filhos. Mesmo com essas condições surgem relatos de condições de prazer, diante do contato com os alunos, percepção do aprendizado a partir das ações em sala de aula, bem como os contatos afetivos facilitados pela ação em sala de aula.

Deve-se ter claro que existe uma carga psíquica, inerente ao trabalho e de forma particular na atividade docente, difícil de quantificar, diferentemente da carga física que pode ser medida. Há uma relação com o prazer, satisfação, frustração, tristeza, entre outros sentimentos que perpassam o cotidiano do trabalho, mas que são dificilmente medidos e avaliados por estarem envolvidos com a identidade, percepção e vivência do trabalhador.

O perfil do docente vem passando por uma mudança peculiar diante da inserção no ambiente competitivo, com cobrança de acúmulo de competências, tensão constante no exercício de seu trabalho, além de entrar no domínio das preocupações organizacionais, tais como produtividade, plano de carreiras, gerenciamento de impressões e demandas de competitividade profissional que escravizam os docentes, ampliando a concorrência entre os profissionais da área.

Desempenhar o papel docente, na sociedade atual, requer do profissional de educação muito mais do que o ensinar em sala de aula. A docência vem se configurando como uma atividade que demanda esforços técnicos que vão além de habilidades de ensino. As peculiaridades da organização de ensino superior, com seus diferentes contextos sociais nos quais os alunos estão inseridos, as necessidades e desejos distintos do alunado, exigem dos docentes capacitação além do caráter pedagógico do ensino, diante da responsabilização pelo desenvolvimento psicossocial dos seus alunos, salientam Begoña e Romaña (1999).

Tantas condições apontam a situação de exploração, adoecimento, mudanças de perfil e configurações que levam ao sofrimento e adoecimento por conta das condições vivenciadas no novo contexto de trabalho do docente. E o burnout surge como um aspecto de grande relevância aos processos de adoecimento decorrentes das mudanças no mundo do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre o burnout pode ser considerada como um tema bastante difundido, mas ao mesmo tempo inesgotável, tendo em vistas as dimensões que assume na contemporaneidade. Como apontam Clegg e Hardy (2012) pesquisa possui um pontapé inicial de discussão não devendo ser um ideal seu fechamento, mas um horizonte infinito de possibilidades. Assim, o estudo sobre as consequências do contexto das transformações do mundo do trabalho nas universidades privadas e o trabalho docente é algo que ainda precisa ser mais implementando como área de crucial pesquisa para prevenção e ações de intervenção.

A relação subjetiva com o trabalho tem consequências para além do espaço da organização, atingindo o espaço fora do trabalho. Na atualidade a separação clássica em dentro do trabalho e fora do trabalho não tem mais sentido diante da atual realidade.

Ser docente requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos e educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar situações ambíguas e conflituosas no ambiente de trabalho. Sob esse aspecto, os docentes atuam nas “arenas dramáticas e intelectuais”, vivenciando relações de conflito entre indivíduo e trabalho, no entanto as condições laborais estão entrando em conflito com essa realidade, diante do contexto do capital e sua ideologia de produção acima de qualquer condição, impactando diretamente nos resultados, ações e saúde dos docentes.

O trabalho do professor, visto na perspectiva da relação entre processo de trabalho e a saúde, não apresenta, de uma forma geral, o mesmo destaque de investigação científica que outras categorias do setor industrial e de serviços, no entanto essa é uma área que vem sofrendo várias condições de expropriação e perda de identidade diante das transformações decorrentes das mudanças do trabalho, bem como suas condições no aspecto privado e suas consequências no aspecto psicológico, social e laboral.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. Burnout: O processo de adoecer pelo trabalho. In: BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. (Org.) **Burnout**: quando o trabalho ameaça o bemestar do trabalhador. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BONTEMPO, X. F. Nível de síndrome de adotamiento em médicos, enfermeras y paramédicos. **Revista Mex de Puericultura y Pediatría**. v. 6, n.2, p. 252-260, 1999.

CAMPOS, J.D., CARLOTTO, M. & MARÔCO, J. (2012). Oldenburg Burnout Inventory-Student Version: Cultural Adaptation and Validation into Portuguese. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2012.

CANO-GARCÍA, F. J., PADILLA-MUÑOZ, E. M., & CARRASCO-ORTIZ, M. A. Personality and contextual variables in teacher burnout. **Personality and Individual Differences**, 2005.

CARLOTTO, M.S **Síndrome de burnout em professores**: avaliação, fatores associados e intervenção. Porto: LIVPSIC. 2012.

CODO, W. **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999.

FERENHOF, I. A; FERENHOF, E. A. Burnout em Profesores. **Revista Científica Avaliação e Mudanças**, Centro Universitário Nove de Julho, v.4, n. 1, 2002.

KUENZER, A. Z. Sob a reestruturação produtiva, enfermeiros, professores e montadores de automóveis se encontram no sofrimento do trabalho. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 107-119, mar. 2004.

MALAGRIS, L. E. N. Burnout: o profissional em chamas. In: NUNES SOBRINHO, F. de P.; NASSALLA, I. (Orgs.). **Pedagogia Institucional: fatores humanos nas organizações**. Rio de Janeiro: ZIT Editores, 2004.

MASLACH, C. P.; LEITER, P. M. **Fonte de prazer ou desgaste? Guia para vencer o estresse na empresa**. Campinas: Papirus, 1999.

LAPO, F. R.; BUENO, B. Os Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 65-88, mar. 2003.

PARKES, K. R. Stress, Work and Health: the role of individual differences. In: BITTLES, A.H. e PARSONS, P. A. (Orgs.). **Stress: evolutionary, biosocial and clinical perspectives**. Londres: The Galton Institute, 1999.

REINHOLD, H. H. Burnout. In: LIPP, M. E. N. **O stress do professor**. Campinas: Papirus, 2002.

VASQUES-MENEZES, I.; CODO, W. O que é burnout?. In: CODO, W. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 237-254.